

Apresentação

A literatura do século XXI: Localismo *versus* Alexandrinismo

O tema para este número da Revista *Letras & Letras*, “A literatura do século XXI: localismo *versus* alexandrinismo”, volta-se para o debate dos parâmetros da produção ficcional e poética de nossos dias, que surge simultaneamente como devedora do cânone e vanguarda derrisória. De um lado, o termo alexandrinismo se refere ao discurso sincrético que retoma correntes filosóficas e literárias de determinado período, no apogeu das propostas estéticas da época e no ocaso daquela civilização, apresentando virtuosidade formal e quase sempre escassa originalidade de pensamento, devido o espírito do tempo, de decadência intelectual. De outro lado, com o acelerado processo que transformou o planeta em uma aldeia global, elidindo fronteiras nacionais e limites transoceânicos pela comunicação instantânea, os espaços culturais e os territórios narrativos da literatura do século XXI vêm configurando, de modo paradoxal, tensões humanas, sociais, culturais e políticas que pagam um tributo a pretéritos arranjos provinciais, locais e mesmo tribais.

No âmbito da literatura brasileira, o sujeito histórico representado na poesia e na ficção deste início de terceiro milênio é um indivíduo enclausurado em fronteiras nacionais, étnicas e culturais, moldado pelo espírito de seu gueto particular, segregado, ao mesmo tempo em que transita na virtualidade como um avatar da liberdade, da tecnologia, do mundo interconectado. As múltiplas expressões estéticas que encenam o disparate entre personagem em *huiclos* sartreano e cenário humano imerso em multipolaridades retomam, de modo antropofágico, a literatura ocidental desde Homero, as representações simbólicas de todas as artes em todos os tempos e todas as manifestações literárias contemporâneas, em fusões insólitas, apropriações paródicas e ironia(s) ontológica(s).

Para Emile Cioran, filósofo romeno radicado na França que trata do tema do alexandrinismo, e aqui se referindo ao modelo de vida ocidental contemporâneo, “[n]esse universo provisório, nossos axiomas só têm um valor de notícias do dia”¹. Na concepção de Cioran, o termo compreende uma visão da sociedade e do homem calcada na desilusão e desenganos oriundos da civilização. Seu tradutor para o português, José Thomaz Brum, assim

¹CIORAN, Emile Michel. *Silogismos da Amargura*. Trad. José Thomaz Brum. São Paulo: Rocco, 2011.

define o pensador, na apresentação do livro *Breviário da decadência*: “Moralista rigoroso, Cioran também é uma espécie de místico enraivecido disposto a fazer despertar, por uma revolta que nada apazigua, a alma que se deixou aprisionar por ilusões e miragens”.

Para Cioran, o alexandrinismo é

[...] um período de sábias negações, um estilo de inutilidade e de recusa, um passeio de erudição e sarcasmo através da confusão dos valores e das crenças. Uma civilização evolui da agricultura ao paradoxo. Entre estes dois extremos desenvolve-se o combate entre a barbárie e a neurose: disto resulta o equilíbrio instável das épocas criadoras. Tal combate aproxima-se de seu fim; todos os horizontes se abrem sem que nenhum possa excitar uma curiosidade simultaneamente fatigada e desperta. Cabe então ao indivíduo desenganado florescer no vazio e ao vampiro intelectual saciar-se no sangue viciado das civilizações.²

É o registro de tal impasse, com o estudo das várias vertentes da lírica e da prosa narrativa, ou aproximações e recortes de obras produzidas nesse período, que nós – Prof.^a. Dr.^a. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU) e Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS) – organizadores deste dossiê temático, aceitamos o desafio deste volume e das ideias aqui contidas.

Em outras palavras, investigar as manifestações literárias neste século de urgências, ambiguidades, desconstruções, heterogeneidade e transformações é pensar a produção artística em sua concepção mais ampla e cultural, implicando discutir o ser humano em sua vivência antropológica, psicológica, discursiva e existencial. Nesse sentido, esta proposta para a *Revista Letras & Letras*, com o título-tema “A literatura do século XXI: localismo *versus* alexandrinismo”, buscou interrogar as questões e exercícios escriturais, significativos da cultura distanciada de um eixo convencional, cujo conteúdo revelam aspectos de uma essência dinâmica, plural e reveladora de um Outro. Este Outro, às vezes desconhecido, às vezes obscuro ou hermético ou lacunar, é sempre essência de um Eu que busca se impor e se conservar pela palavra e por uma escritura substantiva. Assim, esta investigação-provocação insistiu em legitimar a valorização do regional, do local, do fronteiro, do híbrido e do universal como elementos imprescindíveis para determinar e reconhecer as identidades recriadas. Tais identidades plurais destituem a tranquila cristalização de interpretações

²CIORAN, Emile Michel. Rostos da decadência. In: _____. *Breviário da decomposição*. Trad. José Thomaz Brum. 3. ed. São Paulo: Rocco, 2011, p. 115-216.

acomodadas, alçando novos patamares críticos (assim considerados pelos mais tradicionais e ortodoxos...) à condição de um olhar privilegiado da cultura e do “elogio da diferença”.

Nesse caminho, as reflexões contemporâneas acerca das noções de espaço, alteridade, fronteira, universalidade e transculturação, dentre outros suportes temáticos, visam a uma correlação na perspectiva de entendimento das diferenças e das identificações no âmbito das produções literárias, dentro de uma formulação do reconhecimento de nós mesmos, sujeitos de identidades híbridas, mestiças, fronteiriças.

Enfatiza Walter Mignolo que um novo conceito de razão está se construindo com vista aos *loci* diferenciais de enunciação, apresentando *um deslocamento das práticas e das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no período moderno*. Daí, a ulterior formulação reflexiva da colonialidade e saberes subalternos, ao elaborar a crítica das *histórias locais e projetos globais*: “os povos e comunidades têm o direito de ser diferentes precisamente porque ‘nós’ somos todos iguais em uma ordem *universal* metafísica, embora sejamos diferentes no que diz respeito à ordem *global* da colonialidade do poder”.³

Eis alguns dos tópicos propostos para o número da *Revista Letras & Letras* que aqui temos consolidado:

1. Poesia brasileira do século XXI;
2. Ficção brasileira do século XXI;
3. Literatura e cultura brasileiras do início do terceiro milênio;
4. Estética alexandrinista na literatura do século XXI;
5. Colapso e vigor do regionalismo neste terceiro milênio;
6. Identidade, transculturação e literatura;
7. Espaços e trânsitos na(da) linguagem;
8. Geografias e paisagens do eu;
9. Territórios e limites poético-narrativos.

Em outras palavras, procuramos – a partir da proposta formulada nesses termos – discutir o localismo anti-cosmopolita que orienta o estar-no-mundo sendo registrado em estética alexandrinista, devedora, devoradora e questionadora da tradição. Tal quadro, em sua complexidade, em sua abrangência, em seus pressupostos e em seus desdobramentos, inspiradores da chamada, vemos representado nas páginas do Dossiê.

Cumpre-nos, inicialmente, agradecer é reconhecer a importância e o valor do escritor Miguel Sanches Neto que nos privilegia com uma entrevista sólida, elucidativa e extremamente

³ MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 47.

gentil. O escritor fala de seu trabalho, de sua escritura em tempos de uma contemporaneidade caleidoscópica, não omitindo inclusive a importância das relações sociais estabelecidas pela mídia e redes sociais e o futuro do escritor, do leitor e da literatura. Miguel Sanches Neto, para responder uma das muitas inquietações que lhe propusemos, cede o texto inédito “Seis teses sobre os valores da literatura”, publicado logo após a entrevista, feita pelos organizadores deste número; fecha o dossiê a resenha “A contrapelo da ordem unida”, de Rauer Ribeiro Rodrigues, que verifica e destaca os aspectos alexandrinistas em *A Segunda Pátria* (2015), o mais recente romance de Miguel Sanches Neto.

Por outro lado – e não menos importante – vale a pena a leitura do artigo de Miguel Rettenmaier (UPF), “Para ver e ler: a Jornada de Passo Fundo e a cultura contemporânea”, no qual ele faz um relatório das atividades da Jornada de Passo Fundo – RS, apresentando, de forma muito cuidadosa e consequente, o impacto e a força da leitura, da literatura e das atividades culturais desenvolvidas nas jornadas nas últimas décadas – a Jornada se tornou não mais uma atividade institucional: ela ultrapassou o espaço geográfico de Passo Fundo para ser modelo de empreendimento cultural, para nos valer de conceituação proposta por Adorno, de uma ideologia autonomizante, capaz de construir futuros leitores e cidadãos críticos. Neste ano de 2015, em que a Jornada – capitaneada até hoje por sua idealizadora, Tania Rösing, professora da UPF – não acontece por falta de verbas, nos cabe insistir nessa tomada de posição em favor da permanência e do futuro promissor que tais ações ensejam, devendo ficar configuradas permanentemente nas políticas públicas de educação e cultura nos mais diversos espaços de nosso país. O ato de publicar esse relato alcança o mesmo bom sentido revolucionário da própria Jornada, ao proporcionar substância cultural, garantir reflexão e investimento intelectual ao debate educacional, cultural e de políticas para o ensino da literatura, setores tão combatidos e, ao mesmo tempo, tão vulneráveis por outras questões que não seus fins intrínsecos.

Os demais textos do volume compõem amplo painel, com aspectos que desvelam caracteres alexandrinistas da literatura de nosso tempo, em especial da ficção e da poesia brasileiras. Sumariamos, a seguir, esses artigos. Ao compulsarmos as contribuições recebidas e aprovadas pelos pareceristas *ad hoc*, verificamos dois grandes blocos, um voltado para a análise de textos literários *strictu sensu* e outro sem tal especificidade. No bloco dos textos de hermenêutica, há leituras de narrativas ficcionais e há aquelas voltadas para o fenômeno lírico. No outro bloco, há discussões teóricas ou historiográficas e há estudos intersemióticos.

Nos artigos em que a literatura é confrontada com outras interfaces de representação simbólica figura “O encontro dialógico e colaborativo entre a literatura brasileira e o cinema no limiar da Pós-Retomada: traduções coletivas no cinema literário”, assinado por Lemuel da Cruz Gandara e Augusto Rodrigues Silva Jr. (ambos da UnB - Universidade de Brasília), cujo objetivo é analisar a adaptação fílmica de três obras literárias – *Cidade de Deus* (1997), romance de Paulo Lins, *O invasor* (2002), novela de Marçal Aquino, e o conto “Presos pelo estômago” (2005), de Lusa Silvestre, gênese do longa-metragem *Estômago* (2008) – sob a perspectiva “dos conceitos teóricos da tradução coletiva e do cinema literário, [que considera] os três filmes resultantes de um processo dialógico interartes”.

Voltado para a “relação entre literatura, teoria e política”, Larissa Drigo Agostinho (Universidade de Paris IV – Sorbonne), em “Os fantasmas e a revolução: uma leitura de *Descente de médiums*, de Nathalie Quintane”, busca “criticar toda perspectiva centrada numa crença entre literatura e realidade reconfigurada [...] num cenário pós-morte do autor”, de modo a desvelar “novidades teóricas [...] para a crítica literária” em “narrativas que reconstróem uma nova literatura engajada”.

A questão da identidade autoral também se apresenta em “Facebook – um novo espaço autobiográfico?”, no qual Maria Tereza Lima (IPTAN – Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves) investiga o modo pelo qual “a perspectiva autobiográfica e biográfica se configura em uma rede social” como “exteriorização da memória”. Eis os problemas propostos: “O autor trava um pacto de leitura com o leitor? Se levarmos em consideração que os textos postados nessa rede social são textos produzidos pelo próprio autor do perfil e de autores diversos, como configuraremos esses espaços virtuais? Autobiográficos e biográficos? Quem escreve a página virtual é o próprio autor do perfil ou múltiplos autores? Com as redes sociais, surge um novo modelo de autobiografia e de biógrafo?”.

Já a identidade em confronto com a alteridade é o eixo central do artigo “Literatura e direitos humanos: questões sobre alteridade e identidade”, de Ana Paula Cabrera e Vera Lúcia Lenz Vianna (UFMS – Universidade Federal de Santa Maria). A reflexão discute questões “relacionadas ao assédio moral e sexual nas relações de trabalho de imigrantes” a partir dos contos da coletânea *Fuera*, da italiana Susanna Tamaro.

A questão identidade/alteridade é pano de fundo do estudo de historiografia “Caminhos da (re)exploração: A Carta em Caminha, Oswald e Bonassi”, assinado por Natasha Fernanda Ferreira Rocha (UEL – Universidade Estadual de Londrina) e Vanderléia da Silva Oliveira

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná). Tendo por substrato o intertexto e autores que compõem o *corpus* anunciado desde o título, o artigo “[procurou] pensar em como as possibilidades dialógicas desses textos se engendraram” no “tópico recorrente [...]: quem somos. Ou, ainda, quem nos tornamos”.

Também encontramos exercício de literatura comparada no artigo de Paulo César Silva de Oliveira (UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro), “A literatura em transe de Ricardo Piglia e Rubens Figueiredo: o conflito das ideias na Academia”. Ao tratar “como tema a questão do empobrecimento do debate intelectual” contemporâneo, o artigo discute “as relações entre ética, estética e academia”, assim como “a problematização do escritor, da literatura e do intelectual” sob a égide da mercadoria e da globalização.

Em sentido inverso, voltado para o localismo, Thiago Martins Santos (Universidade Vale do Rio Doce) e Nádia Dolores Fernandes Biavati (Universidade Federal de São João del-Rei), no artigo “Discursos sobre o território de Itueta frente à realocação compulsória: análise discursiva da produção literária de um ituense”, estudam “três produções poéticas” que tratam de um “território antes, durante e depois da sua total destruição decorrente da construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés”.

Se o último artigo do bloco anterior tem o referente histórico como prevacente na leitura, o primeiro estudo do bloco das análises intrínsecas da lírica contemporânea tem um fato histórico da maior envergadura como mote – trata-se do artigo “Neruda e Drummond: um olhar sobre Stalingrado”, de Moacir Lopes de Camargos e Pablo Ramos Silveira (ambos da Universidade Federal do Pampa, de Bagé, RS), cujo objetivo é abordar “a questão do engajamento político que envolve a produção poética” dos dois poetas modernistas, um chileno e outro brasileiro.

Por seu lado, João Carlos Biela (UFU – Universidade Federal de Uberlândia) trata de “uma singular e plural voz lírica na escuridão do presente” no artigo “O corte na voz lírica de Carlos Felipe Moisés”, no qual analisa a poesia como “potência criadora [...] por meio do conhecimento do saber” propiciado pelo “afazer doméstico e a economia dos afetos de uma vivência inexperienciável”.

Partindo de um tema político, o estudo “Uma leitura do poema ‘Da Liberdade’, de Mariana Ianelli” propõe desvelar a construção do poema pelas “atitudes do eu lírico (enunciação lírica, apóstrofe lírica e canção)” a partir “da materialidade do texto”; desse modo, os autores, José Batista de Sales e Amaya Obata Mourino de Almeida Prado (ambos da UFMS

– Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) sondam “o ‘tom’ e a ‘tensão’ que” constituem o poema.

Também a partir do intrínseco, Irla Fernanda e Silva Soares, Francisca Marciely Alves Dantas e Maria Elvira Brito Campos, pesquisadoras ligadas à UFPI – Universidade Federal do Piauí, no artigo “Notas sobre gêneros literários: a expressão do ‘não-eu’ no poema ‘Na noite sombria’ (2011), de João Camilo”, buscam “propiciar uma reflexão em torno dos gêneros literários, tendo em vista os novos contornos que a poesia portuguesa contemporânea assume”, em particular enfocando o lírico a partir de paradigmas teóricos do âmbito da prosa de ficção.

Mantendo o modo de abordagem e sob o signo do paradoxo das fronteiras do literário em nossa época, o artigo “Manoel de Barros entre tradição e renovação”, de Kelcilene Grácia-Rodrigues e Paulo Eduardo Benites Moraes (UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), trata da “sinfonia de vozes com as quais o poeta dialoga”, forjadora de *ars poetica* antropofágica definidora de “valores estéticos e éticos” a partir de “uma consciência crítica” que faz “reflexões espaciotemporais que perpassam a história circunstancial e a história literária”.

Sérgio da Fonseca Amaral (UFES – Universidade Federal do Espírito Santo), em “Os cânticos do quântico: Roberto Corrêa dos Santos”, analisa a obra de Roberto Corrêa dos Santos na interligação vida-obra, colacionando “livros, textos, poemas, objetos, performances, interpretações”, de modo que vê um amálgama entre o poético e o biográfico. Visada de teor ao mesmo tempo diverso e similar surge em “*Ensaio e anseios crípticos*, de Paulo Leminski: poesia e crítica”, no qual Livia Mendes Pereira e Bruno Vinicius Gonçalves Vieira (ambos da UNESP) abordam a obra do poeta paranaense a partir do contexto histórico e estético dos anos 1970, com produções metapoéticas em que o eu-lírico traduz as reflexões do poeta.

O último texto que incluímos no bloco dos estudos de poesia tem, sob o ângulo do estudo do alexandrinismo em nossa época, o expressivo título “A permanência da tradição na contemporaneidade: notas sobre Alexei Bueno”. O estudo, assinado por Francisco Diniz Teixeira e Bruno Vinicius Gonçalves Vieira (ambos vinculados à UNESP), faz uma revisão da fortuna crítica “sobre o resgate da tradição na poesia publicada nos últimos trinta anos”, verifica que o cânone fertiliza a contemporaneidade e analisa uma ode de Alexei Bueno tendo por horizonte, na tradição, odes de Horácio e de Fernando Pessoa.

No grande bloco dos estudos da ficção alexandrinista do século XXI sobressaem um grupo de análises voltados para autores africanos. Evelyn Caroline Melo e Maria Clara Paro

(ambas da UNESP) assinam “O Bildungsroman e as várias faces das mulheres de Moçambique: feminismo e multiculturalismo”; Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins (UNESP) e Sérgio Ricardo Oliveira Martins (UFMS) tratam de “A inquietude de Eduardo Agualusa: Passado, identidade e transculturação na literatura africana”; e da UFBA – Universidade Federal da Bahia, as pesquisadoras Luciana Santos Oliveira, Lígia Guimarães Telles e Lígia Guimarães Telles assinam “O desterro da memória e outras invenções em *O último voo do flamingo*”. Permeiam todos os textos, na evidência do estudo ou subjacente à discussão empreendida, a questão fulcral da identidade africana, da descolonização e da multiplicidade cultural em confronto, convívio e coalescência. Os artigos apresentam diferentes perspectivas teóricas, perpassam as categorias da narrativa, fazem esforço teórico autóctone para criar taxonomia específica para recepção da literatura africana, para representarem a realidade contemporânea, assim chamada de pós-moderna, e as interfaces literatura/ficção/história/sociedade, de tal modo que, como diz um dos artigos, os autores africanos “aponta[m] para a possibilidade de contemplar, através de um esquecimento seletivo, os discursos e as narrativas tendenciosas e devoradoras de identidades, que, disfarçadas de memórias, produzem uma realidade de exclusão e de apagamento cultural e identitário”.

Também se volta para a literatura universal o estudo “Entre o passado e o presente do romance moderno: o humor na escrita de Milan Kundera”, no qual Wilton Barroso Filho (UnB – Universidade de Brasília) e Maria Veralice Barroso (Secretaria de Educação do DF e UnB) argumentam que o conhecimento oriundo de um romance contemporâneo exige conhecer a história do romance; nesse caso, a partir de Rabelais, o estudo tece os fios que mostram Kundera questionando “as estruturas sociais bem como a autonomia da criação estética frente ao mundo dominado pela ditadura do idílio”.

Também com um olhar sobre a tradição, Lucina Moura Colucci Camargo (UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro), em “A literariedade e o espaço em ‘Cantiga de esponsais’, de Machado de Assis: cristalização canônica ou elogio à diferença”, revisita as fronteiras da contemporaneidade com olhar de topoanálise que “[instiga] múltiplos e dicotômicos olhares sobre tradição e ruptura”.

Por seu lado, Márcio Miranda Alves (UCS – Universidade de Caxias do Sul), trata de aspectos localistas em “O espaço regional nas cidades imaginadas de Érico Veríssimo”, para estabelecer o olhar que as personagens lançam sobre a dicotomia “interior” / “centro” a partir

do “conceito de região sócio-cultural, proposto por Berumen, e de espaço, conforme definido por Certeau”.

Outra série de artigos confrontam a tradição canônica da civilização ocidental a obras contemporâneas. Assim procedem os seguintes estudos: “Manoel Antônio de Almeida, Rubem Fonseca e o Rio de Janeiro dos nossos tempos: picardia, malandragem, miséria e extrema violência”, de Francisco Afrânio Câmara-Pereira (UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte); “O desafio da coragem na constituição do herói: Odisseu e Roseno”, de Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS); e “As dez pragas do Egito sob o olhar transgressor de Moacyr Scliar”, de Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU). Já em “O tema da evasão em Luiz Vilela”, Eunice Prudenciano de Souza (UFMS) mostra o modo pelo qual um *topos* romântico é reconfigurado em contos de Luiz Vilela escritos entre os anos 1970 e a primeira década do século XXI; para a análise, a pesquisadora “[adota] a proposta de Ricardo Piglia”, de modo que “a partir do apontamento da primeira e da segunda história”, indica “que em Luiz Vilela o caráter duplo dos contos que tratam do desejo de evasão se estrutura” por oposições temporais, “tanto entre passado-presente quanto entre presente-futuro”.

A questão que se apresenta no texto “A partilha do eu como pragmática da enunciação e performance narrativa contemporânea no romance *Flores artificiais*”, de Valéria Gomes Ignácio e Maria Rosa Duarte de Oliveira (ambas da PUC-SP) é, a partir do romance de Luiz Ruffato, a da desterritorialização, evidenciando o “constante e irreversível deslocamento geográfico que articula as inúmeras vozes e pontos de vista presentes nas micronarrativas que compõem a obra”, o que “mobiliza um narrador também em trânsito, responsável por organizar um imbricado jogo entre as personas do *eu/tu* e do *ele/eles*”

De certo modo também tratando da “relação entre alteridades e rastros” a partir de uma “estratégia narrativa capaz de desvelar a partilha do eu”, conforme no estudo sobre a obra de Ruffato, se apresenta o artigo “Cavalcando no dorso do tempo: a constituição da narrativa e o aspecto contemporâneo no romance de Mariana Lage”, no qual Isabella Banducci Amizo e Maria Adélia Menegazzo (ambas da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) analisam *No dorso do leão* (2013) a partir de referencial teórico que desvela “a busca por uma identidade e um sentido para a existência, a fuga e a procura de si mesmo, o caos interior como reflexo do caótico” e evidencia “a relação da obra com a produção literária contemporânea”.

Também como estudo da ficção contemporânea brasileira se insere o artigo “Marcas líricas em ‘O desempregado’, de Fernando Bonassi”, no qual Danglei Castro Pereira (UnB –

Universidade de Brasília, com apoio da FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) analisa “a progressiva aproximação entre a prosa e a lírica em narrativas produzidas nas últimas décadas do século XX e XXI” a partir “do pressuposto” de que “muitas vezes”, as narrativas da contemporaneidade aproximam “diferentes gêneros” e constroem “uma prosa impregnada de elementos da lírica”.

Além do Dossiê “A Literatura do Século XXI: Localismo *versus* Alexandrinismo”, esta edição da *Revista Letras & Letras* traz, de Luiza Maria Nóbrega (UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte), na seção Réplica, o texto “Camões em diálogo franco: comentário a um ensaio no qual fui citada por Luís Maffei”.

No âmbito do número temático, vemos o registro dos impasses da literatura contemporânea, com o estudo das várias vertentes da lírica e da prosa narrativa brasileiras ou internacionais, ou aproximações e recortes de obras produzidas nesse período. Se, do ponto de vista da crítica e dos estudos atuais, os temas propostos e abordados integram uma agenda prioritária de investigação, por outro lado, os trabalhos aqui contemplados refletem o rigor, a profundidade e o respeito com que essas causas da literatura e da palavra têm sido tratadas. A literatura é uma forma de ver o mundo e interrogar as questões sempre irrespondidas. Na tecnicidade robotizada que engessa a *práxis* da vida e do trabalho na atualidade, a plasticidade de pensamento e a diversidade sem fronteiras que erigem o literário, hoje e em todos os tempos, podem ser a última fronteira de defesa do humano contra o desumano conflagrados no tão pouco sábio gênero *sapiens*.

Finalizando, insistimos, de um lado, que essa proposta de edição conjunta para a *Revista Letras & Letras*, com o tema “A literatura do século XXI: localismo *versus* alexandrinismo”, reflete um campo crescente de pesquisas, tanto no Brasil quanto em outros países, trazendo importantes reflexões ao universo da pesquisa literária – reflexões até então ainda não contempladas pela *Letras & Letras*. Agradecemos, fortemente, a todos aqueles que acreditaram nessa edição e nos enviaram suas propostas e reflexões. Recebemos e publicamos artigos de pesquisadores de quase meia centena de instituições, públicas e privadas, ligados a diferentes programas de Pós-Graduação, que conosco aceitaram o desafio de pensar a literatura em suas inúmeras possibilidades de reflexão e crítica. Nosso agradecimento, ainda, reconhecido e caloroso, ao Prof. Dr. Guilherme Fromm, editor da *Revista Letras & Letras* que, com competência, comprometimento, paciência e boa vontade, sempre nos assessorou, inclusive nos

momentos dos desacertos ou ansiedade. A vocês, e a todos que nos leem, compartilhamos o nosso esforço e a certeza de um debate profícuo e duradouro, sempre instigado pela busca e entendimento do homem, de seus olhares e de suas relações que, naturalmente, se manifestam pela literatura e pelas leituras de mundo.

Boa leitura a todos,

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha
Rauer Ribeiro Rodrigues